

O LAMENTO DOS SERTÕES

Ode à Conservação da Caatinga

Jaqueiuto Jorge



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Jorge, Jaqueiuto

O lamento dos sertões [livro eletrônico] : ode
à conservação da caatinga / Jaqueiuto Jorge. --

1. ed. -- Natal, RN : Jaqueiuto Jorge, 2023.

PDF

ISBN 978-65-00-81158-2

1. Caatinga - Brasil, Nordeste 2. Poesia
brasileira 3. Sertão I. Título.

23-173425

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253



Apresentação

"Em 'O Lamento dos Sertões - Ode à conservação da Caatinga', adentramos o coração árido e poético do Nordeste brasileiro, onde a beleza da caatinga se entrelaça com as cicatrizes deixadas pelos desafios ambientais. Neste livro de poesia, os convido a uma jornada profunda e reflexiva por terras ressequidas, onde a vida se adapta com resiliência, mas também enfrenta as consequências das mudanças ambientais causadas pela ação humana.

Cada verso é um eco da dor e da esperança que permeiam essa paisagem única. Da seca inclemente às lutas diárias daqueles que dependem da terra e das águas escassas, 'O Lamento dos Sertões' destila a poesia da sobrevivência e da resistência. Através das palavras, os convido a contemplar a complexidade desse ecossistema, a empatizar com suas criaturas e a refletir sobre nosso papel na preservação desse patrimônio natural.

Com sensibilidade e profundidade, este livro de poesia nos lembra que, mesmo em meio aos impactos devastadores, a caatinga ainda pulsa com vida e inspiração. Uma obra que celebra a resiliência da natureza e nos convoca a proteger e cuidar dos sertões como parte essencial do nosso legado ambiental."

O autor.

Ao querido Ian,

Com amor e esperança, dedico este livro a você, como um presente de amor e inspiração para o seu futuro. Nestas páginas, você encontrará palavras que ecoam como o vento suave nas serras do Sertão Nordestino, e versos que celebram a beleza e a resiliência dessa terra tão especial.

Hoje, enquanto você ainda é pequeno, é o momento perfeito para plantar as sementes da conscientização em seu coração e que seja um disseminador dessas sementes. Você é parte de uma geração de crianças que têm o poder de fazer a diferença, de proteger a Terra que todos compartilhamos. Este livro é um convite para explorar uma pequena parte do Sertão através das palavras, mas também é um chamado para ser um guardião da natureza.

No futuro, o mundo dependerá de jovens como você, que entenderão a importância de cuidar do meio ambiente. As mudanças climáticas são um desafio que precisamos enfrentar juntos, e cada ação, por menor que seja, conta. Através da sua curiosidade, do amor pela natureza e do desejo de aprender, você pode ser um "herói ambiental", ajudando a preservar nosso planeta para as gerações futuras.

Enquanto folheia estas páginas, lembre-se de que o Sertão Nordestino nos ensina a resiliência, a adaptabilidade e a beleza da natureza em um ambiente desafiador e fascinante. Que essas lições o inspirem a proteger e cuidar do nosso lar. Cada passo que você dá no caminho da consciência ambiental é um passo em direção a um futuro mais brilhante e sustentável.

À medida que cresce e descobre o mundo, que este livro seja uma lembrança constante de que você tem o poder de fazer a diferença. Que suas ações sejam guiadas pelo amor à Terra e pela responsabilidade de preservá-la para as gerações vindouras.

Com todo o meu amor e orgulho,

Do papai, Jaqueiuto.

O lamento dos sertões – Ode à conservação da Caatinga

O diálogo dos guardiões da aridez

No sertão da Caatinga, onde o sol beija a terra seca,
Onde o vento sussurra segredos à macambira,
Lá reside o calango astuto, de pele brilhosa e olhar atento,
É a visão do futuro incerto que o desola e intriga.

Macambira, oh criatura dos lajedos ardentes,
Tuas flores fitam o horizonte com sabedoria antiga,
Testemunha silente dos ciclos que se desdobram,
Na dança das estações, na vida que persiste, inspira.

Tuas folhas se confundem com a terra e a pedra,
Proteção perfeita, mestre da sobrevivência,
Entre xique-xiques e mandacarus, tu és a guardiã,
De um ecossistema frágil, de rara exuberância.

Mas oh, calango sábio, como vês o desenrolar,
Das mudanças sutis que o clima traz consigo?
A chuva que se torna esquiva, o sol abrasador,
O ciclo alterado, o destino do teu abrigo?



Teus pés escamados, indagadores, sentem a aridez,
A água rareia, a caatinga se resseca e padece,
O sertanejo também sofre, em sua lida incansável,
A seca castiga, a esperança luta, o tempo escassece.

Tu és testemunha do avanço do homem sedento,
Seus rebanhos e cultivos avançam sem cessar,
O equilíbrio ancestral da Caatinga é desafiado,
Enquanto o futuro se faz sombrio, a se questionar.

Oh calango da macambira, és um poema em movimento,
Um elo entre o passado, o presente e o que virá,
Teus olhos de âmbar refletem a inquietude,
Do clima em transformação, do amanhã a se desenhar.

Que possas perseverar, macambira vigilante,
E testemunhar a resiliência da vida a desabrochar,
Mesmo diante das incertezas que pairam no ar quente,
Que a Caatinga encontre força para se renovar.

Na vastidão da Caatinga, terra ardente,
Onde o sol queima e a vida persiste,
Sertão de sonhos e lutas constantes,
A macambira e o calango têm dias tristes.

Sob o céu azul, sem nuvens a espreitar,
A macambira ergue seu verde prateado,
Brotando forte na terra a escaldar,
Símbolo de resistência, de um povo aguerrido.



Mas o calango, sábio guardião das pedras,
Observa com olhos atentos e sabedoria,
Os ventos da mudança que sopram nas veredas,
Trouxeram consigo promessas e agonias.

Diálogos travam entre os dois, amigos do ermo,
Sobre o estranho metal que dos ventres é tirado,
Da mina profunda, onde o sonho é eterno,
E o impacto no solo deixa marcas, um legado.

"Ó macambira, tu és a força do chão,
Mas vejo o brilho do minério cobiçado,
Homens cavam ganância, sem compaixão,
E a terra sofre, ferida, sem ser poupada."

A planta sussurra ao lagarto com pesar,
"Verdade é, meu amigo, o solo é explorado,
Enquanto os ventos modernos vêm a soprar,
Com suas pás gigantes, um futuro incerto e arriscado."

O vento agora sopra palavras de mudança,
Dos grandes cataventos que giram sem cessar,
A busca por energia que avança,
Mas a Caatinga chora, vendo seu habitat rarear.

"Ó calango sábio, que vês além do visível,
Dize-me, que futuro nos aguarda nesse passo?",
O calango pondera, olhar impassível,
"O destino em nossas mãos está traçado, é um compasso."



"Se unirmos nossa voz à terra árida e ao vento,
Se alertarmos os corações dos sertanejos,
Podemos mudar o rumo desse tormento,
Preservar a Caatinga para os filhos e netos."

E assim, a macambira e o calango, lado a lado,
Decidem que sua missão é clara e urgente,
Proteger a terra amada, outrora desprezada,
Para que o futuro da Caatinga seja mais resiliente.

Que a voz do sertanejo se eleve como um canto,
Em defesa da natureza que é tão bela e vital,
Que a macambira e o calango, no alto do seu encanto,
Guiem o povo rumo a um futuro mais sustentável.

A Macambira e os pequenos seres

Nos confins áridos da Caatinga imponente,
Onde o sol tece sua lenda quente,
A macambira ergue seus braços espinhentos,
E no chão rachado, deixa seus rastros violentos.

Lá, as abelhas zumbem num ballet de mel,
Coletando tesouros de flor em flor, fiel,
E os besouros marcham em passos firmes,
Na dança da vida, sob o sol que queime.

Oh, borboletas de cores brilhantes,
Nas asas carregas histórias de instantes,
Cigarras que cantam nas secas tristonhas,
Suas canções ecoam, como esperanças risonhas.



Os gafanhotos saltam na capoeira ressequida,
Numa coreografia efêmera, a vida é vivida,
Caatinga, és um cenário de desafios e esplendor,
Onde a vida encontra um jeito, sempre a buscar o calor.

E os sertanejos, filhos desse chão árido,
Caminham com força, coragem e sentido,
Na lida diária, enfrentando a adversidade,
Traçam com mãos calejadas sua própria verdade.

Mas ventos desalmados trazem consigo o desalento,
E a Caatinga, feito poema, sofre com o vento,
A perda de habitat, como um sopro maldito,
Põe em risco o futuro deste ecossistema bendito.

Oh, Caatinga, guardiã de tanta beleza e vida,
Que o vento da mudança traga a esperança redobrada,
Que o diálogo entre homem e natureza floresça,
E políticas de conservação sejam a semente que não cessa.

Que os sons da caatinga e dos pequenos seres,
Sejam ecoados nas mentes, nos corações a crescer,
Que a Caatinga resista, se fortaleça e floresça,
Um tesouro do sertão que merece ser lembrado e protegido com destreza.

Cenário rude de espinhosos xique-xiques,
Onde a vida desafia as sedentas físicas,
Lá, os mocós espreitam com olhos atentos,
Cautelosos na dança dos ventos sedentos.



Preás curiosos, pequenos saltitantes,
Nesse mosaico árido, são seres elegantes,
Com suas patas ligeiras e olhares argutos,
Navegam a caatinga, exploradores astutos.

As serpentes ondulam, lendas no chão se traçam,
Peçonhentas guardiãs das histórias que se enlaçam,
No ritmo das arribações e do chão ressequido,
A Caatinga sussurra segredos perdidos.

Nesse palco de espinhos, a natureza dialoga,
Entre macambira e sapos, a vida se desdobra,
Cantos ecoam em coro, ressoando pelo ar,
Numa sinfonia rara, é a Caatinga a falar.

Mas a sombra do futuro paira incerta e sombria,
Enquanto a vida persiste, a paisagem se esvazia,
Pois a mão descuidada do homem avança,
E a Caatinga sofre, em silêncio, sua dança.

Habitat perdido, políticas rarefeitas,
Ameaçam a teia frágil dessas vidas perfeitas,
A macambira chora, os passarinhos já não cantam,
E o sertanejo observa, saudades que encantam.

Oh, Caatinga querida, berço de tanta vida,
Que o amanhã traga esperança, na luta renhida,
Que a consciência desperte, em prol da conservação,
E a natureza sorria novamente, em plena exibição.



Que o diálogo entre todos, homem e biodiversidade,
Seja a canção que perdura, preservando a integridade,
Da Caatinga, tesouro do sertão, patrimônio ancestral,
Que merece respeito, amor e um futuro sem igual.

O diálogo das autarquias: a Macambira, o Juazeiro e a Carnaúba

Nas terras áridas da Caatinga ressequida,
Onde o sol parece brasa e a vida pulsa escondida,
Macambira, Juazeiro e Carnaúba se encontram,
Num diálogo antigo, onde os destinos se somam.

Macambira, de espinhos valente e verdejante,
Olha com tristeza a cena desolante,
Do desmatamento que avança sem piedade,
Na Caatinga, sua morada e sua identidade.

Juazeiro, imponente e de sombra generosa,
Abana suas folhas, preocupado com a prosa,
Do caçador que avança, sem compaixão,
Dizimando a fauna, em sua busca insana por ação.

Carnaúba ergue suas palhas para o céu,
Como pedindo clemência por seu papel,
Na manutenção do equilíbrio tão frágil,
Que a Caatinga sustenta, mesmo em seu cenário instável.

"Macambira irmã, e vocês, minhas amigas de vida,
O que faremos diante desta partida?",
Indaga Juazeiro com voz carregada,
De dor e preocupação, na conversa esperada.



Macambira suspira e responde com pesar,
"Vejo as raízes do problema a se espalhar,
A falta de cuidado, a ganância desenfreada,
Estão a levar nossa casa à beira da jornada findada."

Carnaúba balança em concordância triste,
"Somos testemunhas do que a natureza assiste,
A desertificação nos ameaça a cada dia,
E a falta de políticas nos deixa à deriva."

E assim, no coração da Caatinga sofrida,
Três guardiões da vida, em conversa comovida,
Refletem sobre os impactos da ação humana,
E a incerteza que paira sobre o futuro, na fala sertaneja que emana.

Que os bons ventos carreguem este diálogo ao sertão,
E que ecoe nos corações a necessidade da ação,
Para conservar a Caatinga, sua beleza singular,
E garantir um futuro em que ela possa resplandecer e prosperar.

A cascavel e o furão

Na vastidão do Sertão, sob o sol que tina,
O sertanejo vive em simbiose, um bailar constante,
Na terra árida e seca, onde a vida é uma arte,
Onde o canto das aves ecoa como um refrão.



Os cactos erguem-se altivos, como guardiões centenários,
Seus espinhos contam histórias de lutas e mistérios,
E o vento sussurra segredos pelas trilhas do chão,
Enquanto o sertanejo segue, traçando seu caminho.

Lá, onde o chão racha e se abre em fendas profundas,
A guerreira cascavel desliza, língua bifurcada a provar,
A sabedoria da caatinga, em sua pele escamada,
E o furão, ágil e destemido, o olhar a questionar.

"Comadre cascavel", diz o furão, "venha, vamos dialogar,
Sobre tempos de mudança, que vejo a se anunciar,
Os filhos das cidades, suas máquinas a ronronar,
Estão perdendo a essência, a natureza a sufocar."

A cascavel ergue-se, atenta, e responde com calma,
"É verdade, meu amigo, a modernidade avança sem pausa,
As árvores caem para erguer prédios, a vida se desequilibra,
E o elo entre o homem e a terra, aos poucos, se desgarra."

O furão, curioso, questiona sobre o futuro incerto,
"O que podemos fazer, diante desse deserto?",
A cascavel, sábia, revela um segredo do vento,
"Devemos ecoar nas mentes o valor do momento."

"Os homens precisam lembrar das lições da terra,
Que a tecnologia não deve ser uma guerra,
Mas sim uma ferramenta que em mãos sábias se encerra,
Para preservar a caatinga, sua alma, sua terra."



Assim, sob o sol escaldante da Caatinga a brilhar,
A cascavel e o furão, unidos, decidem caminhar,
Pelos sertões e cidades, a mensagem a espalhar,
Que a natureza é um tesouro que ninguém pode substituir ou igualar.

Que a tecnologia avance, mas em harmonia com o chão,
Que o sertanejo, a fauna, a flora sejam coração,
E que a Caatinga, com sua beleza e inspiração,
Perdure para sempre, em poesia e preservação.

Reduto

Nos caminhos da vida, sertões sem fim,
Onde a vida enfrenta a seca com fervor,
O cenário árido se estende sem fim,
Cactos e umbuzeiros, raízes do sertão, assim.

Nesse chão de espinhos, onde o tempo é lento,
As cigarras entoam seu canto sedento,
Enquanto o Preá, ágil e matreiro,
Luta pela vida, naquele chão traiçoeiro.

O Gato-macambira, olhos atentos e fome voraz,
Ronda, espreita, na caçada sagaz,
Mas o Preá, com destreza, foge à mira,
Nos esconderijos das macambiras, ele desliza.

No meio das touceiras, cheias de espinhos a ferir,
As serpentes, cascavéis e jiboias a persistir,
Na dança da vida, onde a morte espreita,
Os Preás buscam refúgio, nessa trama perfeita.



O sertão, de secas e chuvas imprevisíveis,
É um desafio constante, com suas raízes invisíveis,
Mas no coração do nordestino, há uma força ímpar,
Que enfrenta os desafios desse chão a lutar.

No sertão, a vida é uma poesia, um canto de fé,
Onde cactos e umbuzeiros são nossa raiz, nosso pé,
Na luta constante pela sobrevivência, persiste a alegria,
No sertão nordestino, a vida é uma eterna magia.

Em versos de Leonardo Bastião e Patativa de Assaré,
A alma do sertanejo se faz conhecer,
Poetas que, com suas palavras, celebraram a vida,
Mesmo nas agruras da seca, na luta destemida.

Nas terras vastas, a chuva é um tesouro raro,
Quando cai, é como um milagre, um alívio, um amparo,
As águas que escorrem, o sertão a reviver,
A esperança renasce, e o sorriso começa a florescer.

No sertão nordestino, a seca e a chuva dançam juntas,
Numa eterna batalha, como histórias de antigas lutas,
Mas o povo sertanejo, com sua fé alicerçada,
Sabe que a vida continua, na estrada bem traçada.

Entre cactos e umbuzeiros, no sertão a resistir,
Os ciclos da natureza seguem a prosseguir,
E no coração do nordestino, a esperança jamais se vai,
Pois a força desse chão é eterna, como um sol que nunca cai.



Entre flores e espinhos

No sertão, onde o sol brilha em tons dourado,
Na vastidão da caatinga, árida e quente,
Há um encanto, um segredo guardado,
Onde a vida se desdobra, sutilmente.

Cactos erguem-se, guerreiros do chão,
Com espinhos como lanças afiadas,
Mas também florescem na solidão,
Flores com cores delicadas.

As altas montanhas, como guardiãs,
Os segredos da serra se revelam,
E o sertão, com todo seu arfã,
É um poema de beleza que desvela.

Ao entardecer, o céu se incendeia,
As cores dançam, num espetáculo sem igual,
No sertão, a alma sertaneja clama e anseia,
Pela magia desse céu fenomenal.

Borboletas dançam no ar com graça,
Entre os espinhos, elas encontram seu caminho,
E escorpiões, com sua sombria audácia,
São parte desse cenário, aflores e espinhos.

As abelhas zumbem, trabalham com labor,
Na busca de néctar em flores singelas,
E as formigas, com determinação e ardor,
Constroem seus caminhos, fiéis sentinelas.



No sertão do nordeste, essa diversidade,
De flores e espinhos, vida e lida,
É um testemunho de resistência e verdade,
Na beleza crua que só o sertão nos brinda.

No sertão onde as folhas se despedem,
Nas entranhas da caatinga árida e quente,
Lá onde a vida floresce e fenece,
O sertanejo encontra sua razão, sua semente.

Nas altas montanhas de pedra e saudade,
O horizonte se estende em vastidão,
E o sertão, com sua simplicidade,
É um poema de beleza em profusão.

Ao entardecer, o céu se incendeia,
As cores dançam, num espetáculo sem par,
E no sertão, a alma sertaneja clama e anseia,
Por mais um dia nesse rincão a explorar.

As flores e os espinhos, em doce harmonia,
São símbolos de força e de resistência,
No sertão, em plena magia,
A vida brota, em toda sua essência.

Assim, no sertão, onde a terra é seca e rude,
A beleza floresce, sem se deixar vencer,
E no coração do nordestino, há sempre um estudo,
Da vida que teima em florescer e renascer.



Trégua temporária

No coração do sertão, em harmonia e humor,
A cobra, a perereca e a mosca, num encontro singular,
Um diálogo cômico, um tanto sedutor,
Sobre a macambira, seu lar a preservar.

A cobra, sorrateira, olhou para a perereca,
"Você, meu banquete, meu almoço predileto,
Mas saiba, querida, há algo a conversar,
A macambira é nossa casa, um sagrado teto."

A perereca, com seus olhos brilhantes e espertos,
Respondeu, saltitante, num tom festivo,
"Você me devora, é certo, nos seus planos incertos,
Mas sem a macambira, seríamos cativos."

A mosca, no alto, zumbindo em divertimento,
Interveio na conversa com um zumbido zoeira,
"Na sua teia mortal, sou seu próximo intento,
Mas na macambira, encontro vida, sou festeira."

E assim, no sertão, as três se reuniram,
Cobra, perereca e mosca, em comédia engraçada,
Compreendendo que as macambiras as uniram,
Na teia da vida, em sua casa abençoada.

"Macambiras", disseram em conjunto e razão,
"São nosso lar, nosso sustento, nossa missão,
Conservá-las é preservar a nossa ampla ação,
E garantir a harmonia da nossa terra sertão."



No sertão nordestino, a lição é clara e singela,
Comédia entre predadores e presas, vivacidade,
Preservar a macambira a nossa sentinela,
Para a conservação, nosso compromisso e verdade.

Em um rincão da caatinga, um diálogo se iniciou,
Entre a serpente, a perereca e a mosca, um debate perspicaz,
Falavam sobre as macambiras e o que ali floresceu,
Numa filosofia selvagem, num sertão tão voraz.

A serpente, com sua sabedoria antiga e fria,
Começou a falar, sua voz um sopro suave,
"Dentro das macambiras, a vida se anuncia,
Biodiversidade e equilíbrio, é o que essa planta traz."

A perereca, com olhos cintilantes e pele de orvalho,
Saltou com alegria, sua voz em harmonia,
"As aves vêm se abrigar, cantar o seu trabalho,
E as abelhas e vespas, espalham a magia."

A perereca, com seu canto noturno e misterioso,
Fez ecoar suas palavras com um timbre especial,
"As macambiras são nosso lar, nosso paraíso,
Noite e dia, juntas, em um pacto fundamental."

"A polinização é o elo da vida, que floresce,
As abelhas e vespas, nossas parceiras aladas,
Controlam pragas, em serviço que engrandece,
E as aves, com suas canções, são almas entrelaçadas."



A serpente concordou, com um leve aceno,
"As macambiras, minha casa, meu abrigo,
Conservar é preservar esse bem ameno,
Biodiversidade e serviços, num mesmo amigo."

E assim, no sertão, o diálogo prosseguiu,
Serpente e perereca, em comunhão,
Entendendo que as macambiras nutriram e uniram,
A riqueza da vida, as belezas do sertão em união.

A provedora

No coração da caatinga, a lição é clara e real,
Conservar as macambiras, nosso dever e legado,
Para a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos, nosso ideal,
Na filosofia da natureza, uma sabedoria ensinada.

As aves, com suas penas coloridas e lindas canções,
Polinizam flores com beijos de amor,
Em cada flor, sementes, futuras gerações,
Na Caatinga, espalham vida com fervor.

As abelhas, incansáveis trabalhadoras da flor,
No néctar das plantas, seu tesouro escondido,
Polinizam e colhem, com dedicação e ardor,
Em seus favos, o doce sabor é compartilhado.

As vespas, mestres do controle das pragas,
Com mandíbulas afiadas, são vigilantes,
Na luta contra invasores, não têm trégua,
Na Caatinga, são heróis constantes.



Pequenos mamíferos, noturnos e discretos,
Na escuridão, semeiam a vida em segredo,
Com o pólen que carregam nos peitos,
A Caatinga floresce seguindo esse enredo.

Anfíbios e répteis, sob luar do sertão,
Regulam populações de insetos na paisagem,
No sertão, seguem cada qual sua missão,
Na Caatinga, são parte da sabedoria dessas paragens.

Serviços Culturais, riqueza do sertão profundo,
As histórias contadas, os ensinamentos erguidos,
A Caatinga, com seu povo, um mundo,
Onde os serviços dos ecossistemas permanecem desconhecidos.

Serviços Ecosistêmicos, são presentes da natureza,
Na Caatinga, um tesouro de grande valia,
Sustentam a vida com tamanha destreza,
Na dança da vida, em perfeita harmonia.

No sertão da Caatinga, um cântico a se erguer,
Serviços Ecosistêmicos, um hino a ecoar,
Com aves, abelhas, vespas, todos a florescer,
Na Caatinga, a vida em seu esplendor a brilhar.

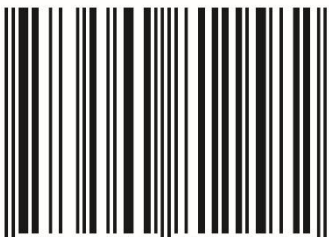






ISBN: 978-65-00-81158-2

CDL



9 786500 811582